

Pietro Ubaldi e O Merecimento

• “ A Nova Civilização o Terceiro Milênio- Ebook Espírita ”

O fenômeno do “Merecimento”, sem dúvida alguma, existe e é susceptível de experimentação, influindo até mesmo no campo dos efeitos utilitários, se o mecanismo das forças resultantes é posto em ação no momento exato. Torna-se necessário, pois, antes de mais nada, compreender a lei do fenômeno e expor as condições necessárias para que ele se verifique.

É lógico que tal não pode suceder com o método humano desordenado e rebelde, ou seja, se não se verificarem os requisitos indispensáveis. O universo é organismo de forças que obedecem apenas a mãos habilidosas e sábias, e, cobrindo-se de trevas, se recusam a obedecer a mãos inábeis e rebeldes. Necessário se torna, pois, haver compreendido as Leis Divinas e ter-se conformado com sua vontade, quer dizer, é preciso haver neste caso compreendido a lei do fenômeno, para estar seguro de que, se for aplicada, fatalmente se verifica.

Quais são essas condições? Ei-las:

- 1- Merecer a ajuda;
- 2- Haver, antes de mais nada, esgotado as possibilidades das suas próprias forças;
- 3- Estar, de acordo com suas condições, em estado de necessidade absoluta;
- 4- Pedir o necessário e nada mais;
- 5- Pedir humildemente, com submissão e Fé.

Quando essas condições se realizam, a Divina Providência está em condições de funcionar a favor de todos. Do contrário, o fenômeno não pode verificar-se. Desse modo, não se pode falar em Providência com relação aos malvados, preguiçosos, ricos, cobiçosos, incrédulos, soberbos. Ela se manifesta e trabalha em favor dos bons, trabalhadores, necessitados, morigerados, crentes humildes e de boa fé.

Esta é, pois, a primeira condição → Merecer.

Em alguns momentos da vida, é necessário sermos deixados sozinhos diante do obstáculo, para que aprendamos a superar as dificuldades com o emprego apenas de nossos meios. Quando não merecemos ajuda ou ela nos seria prejudicial, a providência que nos furtasse à prova necessária a nosso próprio bem não seria ajuda, mas apenas traição.

Nesse caso, a ajuda, que não falha, consiste em dosar a prova e diluir o esforço necessário, na proporção de nossas possibilidades. Na prática, e pelo próprio comodismo, o que se pretende é transformar a Providência em instrumento de nossas comodidades e desejos, em uma ajuda desnecessária que nos pouasse a fadiga de progredir. Vamos ao segundo ponto. Quando quisermos pôr a Providência a serviço de nossa preguiça, é justo que a Lei, nesse caso, se recuse a nos atender ao apelo. Deus, sem dúvida alguma Pai Amoroso e Misericordioso, não é, porém, nosso escravo. Sua Providência jamais nos ajudará se, antes, não houvermos feito tudo quanto estava em nossas forças para aprendermos a lição.

A Lei jamais sacrificará nossa felicidade final em favor da efêmera vantagem do momento. A necessidade absoluta constitui a terceira condição. Não se pode avaliá-la de modo absoluto, igual para todos, porque depende do caso, do momento, da pessoa, porque as necessidades individuais são diferentes e relativas, exatamente como as fontes de que dispomos para satisfazê-las.

Se, porém, a avaliação e a natureza da ajuda são relativas, é certo que a Providência não nos provê do supérfluo, mas apenas do necessário, e isso para nos fazer viver, e não para cairmos na pândega. A lei do mínimo esforço, a parcimônia, a proporção entre o esforço e o rendimento, tudo participa da sábia economia da natureza, toda feita de equilíbrio e justiça.

E ela, nem avarenta nem pródiga, mas apenas parcimoniosa, concede criteriosa e moderadamente quanto seja necessário para proteção e garantia da vida, da continuação necessária à evolução, que é o seu objetivo.

Se a Providência prodigalizasse o supérfluo, ao invés de encorajar a vida, levá-la-ia ao ócio, que conduz ao aniquilamento. Uma das Leis Divinas é a do Progresso, a qual exige a Fé, a Reforma Íntima e acima de tudo, o “Esforço Próprio” do Homem para que este possa progredir em todos os níveis da vida.

Anexo I- Terra, uma Escola de Regeneração

Após o povo ter se dispersado, recomenda severamente a mulher adúltera: Vá e não peques mais. Em seguida os Apóstolos, ainda presos ao rigorismo das Tradições Judaicas, fazem ao Mestre uma série de questionamentos relativos ao não apedrejamento da mulher. Jesus então os esclarece com as seguintes considerações:

- Ninguém pode contestar que ela tenha pecado. Contudo, quem estará irrepreensível diante da Lei Divina? Muitos Sacerdotes, Magistrados, Filósofos e outros, prostituem as suas almas através de um menor preço;
- A hipocrisia costuma campear impune, enquanto se atiram pedras ao sofrimento. Deste modo o mundo está cheio de túmulos caiados. Deus, contudo, é o Pai de Bondade Infinita e aguarda os filhos pródigos na sua casa;
- Cada ser traz consigo a fagulha do Criador e erige dentro de si, o santuário de sua presença ou a muralha sombria da negação. Contudo, somente a Luz e o Bem são eternos, e um dia, todos os redutos do mal cairão, para que Deus resplandeça no Espírito de seus filhos;
- Está escrito que sois Deuses e que todos os filhos tem direito a mesma parte na herança divina. As criaturas transviadas são as que não souberam tomar posse do seu quinhão divino, permutando-o pela satisfação de seus caprichos no desregramento ou no abuso, na egolatria ou no crime, pagando elevado preço pelas suas decisões voluntárias;
- Examinada sob o ponto de vista acima, o Mundo é uma vasta Escola de Regeneração, onde todas as criaturas se reabilitam da traição aos seus próprios e inadiáveis deveres. A Terra, portanto, pode ser tida como um grande Hospital, onde o pecado é a doença de todos. O Evangelho, no entanto, traz ao homem enfermo o remédio eficaz, para que todas as estradas se transformem em suave caminho de sua redenção;
- Nunca condeno o pecador por não afastar o pecado, porém prefiro acreditar na sua recuperação através do bem. Mesmo os seres mais tristes e miseráveis, que se arrastam na noite de sombras e desolação, possuem uma semelhante grosseira que encerra um gérmen divino, que um dia se elevará da Terra para o beijo de Luz do Sol;
- Deus nunca desce de sua sabedoria e amor para punir os seus filhos. O Pai tem o seu plano determinado com relação a criação inteira (Família Cósmica Universal), mas cabe a cada criatura, individualmente, uma parte no próprio trabalho de edificação, pelo qual terá que responder diante da Lei Divina. Ao abandonar o trabalho divino, para viver ao sabor de seus próprios caprichos, a alma cria para si a situação correspondente, trabalhando para reintegrar-se no plano divino, depois de se haver deixado levar pelas sugestões funestas, contrárias à sua própria paz.

Para exemplificar estes seus ensinos, levou os Apóstolos para o interior do Templo de Jerusalém, e ao encontrar o paralítico que havia curado anteriormente, diz-lhe duramente: Eis que estás são. Não peques mais, para que não lhe aconteça coisa pior (para que não tenha uma futura reencarnação mais sofrida do que a atual).

Fonte

Livro: Boa Nova, Humberto de Campos e Chico Xavier, FEB, 1941.

Anexo II- Fidelidade a Deus

Logo após as primeiras pregações de Jesus relativas a Boa Nova, esboçou-se na Comunidade Apostólica um movimento de incompreensão relativo aos sacrifícios exigidos para a sua divulgação e implantação no coração dos homens.

O Divino Mestre, que sondava os corações dos inquietos Apóstolos, esclarece-os algumas horas após a turba de famintos e necessitados deixarem-nos a sós. Jesus ainda lhes responde e os esclarece sobre um tema central que é a Oração dirigida ao Pai, nestes termos:

- Na causa de Deus, a Fidelidade deve ser uma das principais virtudes, de modo a estabelecer uma relação de confiança integral e recíproca, entre o Filho e o Pai. Nunca se deve duvidar da Fidelidade do Pai para com os Filhos, ao se deixar absorver pelo afastamento e pela negação;
- Tudo na vida tem o preço que lhe corresponde. Deste modo não se pode vacilar receoso ante as benções doascofrígio e das alegrias no trabalho pelo Evangelho. Os tributos que a fidelidade ao mundo exige, através dos gozos, riquezas e prazeres, são muito maiores e acima de tudo, dolorosos, e na maioria das vezes com flagelações íntimas;
- O mundo está cheio de crentes que entendem a proteção dos Céus somente nos dias de tranquilidade e de triunfo. Contudo, o Discípulo deve pensar não no Deus que concede mas no Deus que educa, não no Deus que recompença mas no Deus que aperfeiçoa. A verdadeira batalha pela redenção deve ser perseverante e sem trégua;
- Nos dias de calma, é fácil provar-se fidelidade e confiança. Porém, somente nas horas tormentosas, em que tudo parece contrariar e perecer, é que se prova verdadeiramente o Discípulo;
- O Discípulo da Boa Nova deve servir ao Pai, trabalhando pela sua obra neste mundo. O labor é muito grande nos campos do Pai, que o observa com carinho e atenta com amor, pelos trabalhos de perseverança e boa-vontade. No íntimo deste trabalhador brotará sempre um cântico de alegria, pois Deus o ama e o segue com carinho e aten-

ção;

Todos trazem consigo diversas possibilidades de servir ao Pai, mesmo doentes, com privação dos olhos e da palavra, das mãos e dos pés. A virtude é o verbo dessa Fidelidade, que com coragem e paciência mostrará o amor do Pai.

Os Apóstolos, após escutarem a maravilhosa explanação do Divino Mestre, fizeram questão de falar em uníssono: Senhor, seremos fiéis para sempre.

Fonte

Livro: Boa Nova, Humberto de Campos e Chico Xavier, FEB, 1941.

Anexo III- Como Orar

Após ser pressionado por sua sogra, quanto as questões de natureza materiais, o Apóstolo Pedro, chamado carinhosamente pelo Divino Mestre de “A Pedra”, questiona se Deus escuta realmente os pedidos feitos nas Orações. Jesus aproveita a oportunidade e esclarece a todos os Apóstolos sobre a Oração:

- Desde que começou a raciocinar, o homem observou que havia um poder ilimitado, que lhe criara a vida. Todas as criaturas nascem com tendência para o mais alto e experimentam a necessidade de comungar com este plano elevado, de onde o Pai acompanha com o seu infinito amor, justiça e sabedoria, as preces que lhe são dirigidas sob as diversas matrizes religiosas. Com certeza, afirma Jesus, que em todas as épocas as Orações são sempre ouvidas, porém nem sempre são atendidas;
 - O mundo pertence ao Pai e todo e qualquer trabalho é digno, variando de acordo com a capacidade e finalidade do esforço do trabalhador. Antes de qualquer título de convenção humana, o homem é filho e servo do Todo Poderoso, necessitando de servi-lo em qualquer posição social, certo de que o Pai conhece a todos e conduz ao trabalho ou a posição mais adequada e merecida;
 - A Oração deve constituir o recurso permanente e ininterrupto da comunhão do homem com relação a Deus. Neste intercâmbio incessante, as criaturas devem apresentar ao Pai, no segredo das suas íntimas aspirações, os seus anelos e esperanças, dúvidas e amargores. Essas confidências lhe atenuarão os cansaços e as frustações do mundo, restituindo-lhes as energias, pois o Pai lhes restituirá de sua Luz e Amor. A Prece deve ser cultivada como um elemento natural da vida, como por exemplo, a respiração. É imprescindível que se conheça o meio seguro de se identificar com o Pai;
 - Entretanto, os homens não se lembram do Céu senão nos dias de incerteza e angústia do coração. Se a ameaça é cruel e eminentemente é o desastre, se a morte do corpo é irremediável, os mais fortes dobram os joelhos. Porém, como não deverá sentir-se o Pai amoroso e leal de que somente os filhos o procurem nos momentos de infortúnio, por eles criados com as suas próprias mãos?
 - Em face do relaxamento destas relações sagradas por parte dos homens, indiferentes ao carinho da Providência que tudo lhes concede de útil e agradável, impropositadamente desejará o Filho uma solução imediata para as necessidades e problemas, sem remediar o longo afastamento em que se conservou do Pai no percurso, postergando-lhe os desígnios relativos às suas questões íntimas e profundas;
- Quando o homem orar, pedindo pela satisfação de desejos e caprichos particulares, é possível que se retire da prece inquieto e desalentado. Mas, sempre que solicitar as benções de Deus, a fim de compreender a sua vontade justa, amorosa e sábia, a seu próprio respeito, receberá pela Oração os bens divinos do consolo e da paz;
- Não se pode ir a Deus com animosidade no coração, sendo necessário que antes se reconcilie com seu irmão. Nada se fará sem a boa-vontade e pleno esquecimento dos males recebidos;
 - O perdão não exclui a necessidade da vigilância, assim como o amor não prescinde da verdade. A paz é um patrimônio que cada coração está obrigado a defender, para bem trabalhar no serviço divino que lhe foi confiado;
 - Se o irmão se arrepender e procurar a ajuda fraterna, compete ampara-lo com as energias que se possa desprender em seu favor, porém esquecendo-se de todo o mal e procurar sempre trabalhar para o bem;
- Ao término das explicações, Simão Pedro faz a sua famosa pergunta de quantas vezes deveria perdoar o seu irmão, ao que Jesus responde: não te digo até sete vezes, mais setenta vezes sete.

Fonte

Livro: Boa Nova, Humberto de Campos e Chico Xavier, FEB, 1941.